



**DOSSIÊ ANTROPOLOGIA E TURISMO:
REINVENÇÕES E PRODUÇÕES SIMBÓLICAS DO REAL**

***Dossier Anthropology and Tourism:
reinventions and symbolic production of reality***

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TURISMO

The social construction of tourism

Patrícia Alves Ramiro

Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Universidade Federal da Paraíba

E-mail: patriciaalvesramiro@gmail.com

Thereza Cristina Cardoso Menezes

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade,
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

E-mail: therezaccm@uol.com.br

Áltera, João Pessoa, v.1, n.12, p. 11-16, jan./jun. 2021

ISSN 2447-9837

O dossiê “Antropologia e Turismo: reinvenções e produções simbólicas do real” traz ao debate acadêmico pesquisas contemporâneas sobre o turismo, tema ainda incipiente nos estudos antropológicos. Os trabalhos aqui apresentados contribuem tanto para o avanço da discussão teórica da produção antropológica sobre o turismo, quanto para divulgação de pesquisas etnográficas referentes ao tema, incluindo os desafios atuais do setor em decorrência da pandemia de covid-19.

Acreditamos que os olhares antropológicos publicados pela *Áltera* podem contribuir para a interpretação de práticas permeadas pelo contato entre pessoas de culturas distintas, onde a cultura de cada lugar (comunidades étnicas, populações rurais, cidades ou regiões) é vista como atrativo e mercadoria. Como espaço privilegiado para observação da alteridade, o turismo nos convida a refletir - a partir de algumas categorias clássicas da Antropologia, como tradição, autenticidade e território - sobre questões contemporâneas fundamentais decorrentes do avanço da atividade junto às diferentes regiões brasileiras.

Aqui, reunimos oito artigos que tematizam variadas práticas discursivas sobre o turismo que emergem em contextos etnográficos distintos e constituem um mosaico complexo sobre formas simbólicas e estratégicas diversas de produção do real.

Os dois primeiros textos deste dossiê irão refletir, a partir de pesquisas de campo específicas, sobre as transformações sociais, econômicas e culturais de populações tradicionais em consequência de processos de reorganização socioespacial em prol do turismo, subsidiados por políticas desenvolvimentistas com participação (tanto através de incentivos, quanto por omissão) do Estado brasileiro.

No primeiro deles, **A visibilidade indígena por meio da venda de artesanato: a experiência dos *mbya* guarani do litoral da Costa Verde**, Luiz Carlos de Oliveira Lopes (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Educação de Barra do Piraí) mostra como, na década de 1970, a chamada Costa Verde, situada ao sul do Estado do Rio de Janeiro e composta pelos municípios de Paraty, Angra dos Reis e Mangaratiba, vivencia um processo de intensa especulação imobiliária decorrente, especialmente, do crescimento do setor turístico na região. Processo que será acompanhado da expropriação de moradores de seus espaços, desmatamento da Mata Atlântica nativa, tombamento histórico-arquitetônico da cidade de Paraty e



conflitos com populações tradicionais (indígenas, quilombolas e caiçaras). O artesanato aparece como estratégia de inserção da pessoa *mbya* nas estruturas pós-coloniais como forma de manutenção do “modo de ser Guarani” (*nhandereko*), além de servir para compreensão de seu relacionamento tanto com o mundo biofísico, quanto com seus parentes, com os não-indígenas e com os espíritos-donos/divindades.

Em **Benefício para quem? Políticas públicas de turismo e seu impacto em uma comunidade rural do litoral norte da Bahia**, Diana Anunciação Santos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) parte do questionamento de quem são de fato os principais beneficiados pelas políticas públicas de turismo no Brasil, inserindo-se assim na discussão mais ampla de quais setores possuem capacidade efetiva de articulação e poder político para delimitação e acesso a recursos públicos. Mostra, assim como outras pesquisas aqui apresentadas, que os principais beneficiários de amplas políticas de desenvolvimento turístico são os grandes empresários (nesse caso, principalmente investidores estrangeiros), cujo avanço no espaço físico considerado atrativo ao turismo é realizado à custa da expropriação de comunidades de seus espaços de vida e trabalho (pesca e mariscagem, nesse caso). Apoiando-se em estudo de caso junto à comunidade Curralinho, localizada no litoral norte da Bahia, cujo território foi repartido ao meio em meados dos anos 1990 com a construção da rodovia estadual BA-099 (sentido Bahia-Sergipe), deixando as famílias que viviam na faixa direita sem terra, a autora demonstra as abruptas e intensas transformações decorrentes da implantação de megaempreendimentos hoteleiros para esses moradores.

A seguir, dois artigos problematizam a região Amazônica abordando práticas turísticas que revelam a interface entre a “cultura” e os estereótipos culturais amplamente compartilhados pelo mercado turístico sobre o exotismo e a alteridade cultural profunda da região. No artigo **A cerâmica e a arqueologia em Belém/PA: desvendando a influência do passado na contemporaneidade**, a partir da confecção e venda de cerâmica de inspiração arqueológica em Icoaraci (Belém), as autoras Ana Carolina da Silva Brito de Azevedo e Renata de Godoy, ambas da Universidade Federal do Pará, tematizam os usos do patrimônio cultural como produto turístico, explorando a agregação de novos valores e formas de apropriação cultural identificadas com a identidade paraense. As autoras destacam que a produção artesanal da cerâmica



com inspiração arqueológica possui um papel essencial na manutenção de um saber ancestral, mas permite também apropriações criativas do passado para que se agregue um maior valor mercadológico aos produtos turísticos.

Sobre o Amazonas, temos o artigo **Viagens à selva: a Amazônia nas transações simbólicas do turismo**, no qual José Maria da Silva (Universidade Federal do Amapá) propõe uma abordagem etnográfica da promoção do turismo ecológico e cultural expressos, por exemplo, nos pacotes de viagens à Floresta Amazônica. O autor demonstra o esforço de se criar uma ambientação de hotel de selva, estruturado para possuir uma arquitetura do tipo “casa do Tarzan” que reforça a ideia de “lugar selvagem”, expressando como a construção e a especificidade simbólica do objeto turístico amazônico estão referenciados nas demandas de consumidores internacionais saturados da vida urbana e moderna em busca de natureza e populações exóticas.

Da região Norte do país, passamos a três artigos que trazem questões fortemente marcadas pelo passado canavieiro da região Nordeste e pelas transformações sociais, econômicas e culturais nas últimas décadas em decorrência do desenvolvimento acelerado do turismo e do fechamento de muitas usinas.

O artigo **“Um trabalho de formiguinha”: os mutirões de limpeza das praias no litoral sul pernambucano**, de Thereza Cristina Cardoso Menezes (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), analisou o desastre ambiental que atingiu o litoral nordestino em 2019 a partir da mobilização social para limpeza de praias no litoral sul de Pernambuco, região de destacada importância turística, que foi gravemente afetada pelo vazamento de petróleo bruto entre outubro e novembro de 2019. A partir de uma sociogênese destas mobilizações, procurou-se situá-las no universo de sentido preciso de lutas históricas dos trabalhadores da região canavieira de Pernambuco, bem como inscrevê-las em um conjunto de transformações sociais galopantes no mundo rural, que tornaram a exploração turística das praias de crucial importância para a sobrevivência da população regional.

No artigo **Maracatu de baque solto: entre a brincadeira de terreiro e o espetáculo**, Alexandra de Lima Cavalcanti (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) se soma ao texto anterior de Thereza Menezes ao trazer para esse debate



questões relacionadas ao peso da cultura canavieira nas práticas materiais e simbólicas da região Nordeste do Brasil, em especial, no estado de Pernambuco. Nesse caso, a autora se preocupa em refletir sobre as transformações e permanências em diferentes conteúdos performáticos dos grupos de maracatu (evoluções, emblemas, dinâmica interna, plasticidade dos adereços, poesia e cantos) em decorrência de sua inserção em outros contextos, em especial, em espaços turistificados. Prática cultural de matriz indígena, o maracatu de baque solto representava um momento de “brincadeira” em meio à árdua rotina dos canaviais. A partir dos anos 1990, os grupos passam a ser utilizados como símbolo da identidade pernambucana em campanhas publicitárias, por músicos locais, congressos, festivais etc., fazendo com que a tradição se reinvente no mundo contemporâneo, transformando-a também em atração turística e alterando seu significado conforme a perspectiva de quem participa das festas, como as sambadas.

O artigo **Vila em festa ou festa na vila? Turismo e resignificação dos festejos juninos no Brejo paraibano** baseia-se no caso da produção e transformação das festas juninas promovidas numa pequena comunidade rural paraibana em um produto turístico da cidade de Areia, na região do Brejo. Josilene Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal da Paraíba) mostra ao(à) leitor(a) como as mudanças na forma de viver e celebrar as festas juninas em Chã de Jardim revelam um processo de resignificação das práticas socioculturais tradicionalmente estabelecidas para se adequar às necessidades decorrentes do avanço da atividade turística na região.

Para encerrar esse dossiê, o artigo **Da etnografia multissituada aos métodos móveis: um relato etnográfico móvel do turismo em favelas**, de autoria de Camila Moraes (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), traz ao debate alguns dos desafios do turismo perante a pandemia vivida, tendo como ponto de partida um relato etnográfico multissituado sobre o turismo em favelas (*slum tourism*) no Rio de Janeiro, acompanhando a expansão desta modalidade de turismo no contexto dos megaeventos da cidade, bem como o movimento de retração e reinvenção desta atividade no contexto da covid-19, enfatizando-se os atores envolvidos, as redes formadas entre eles e com atores externos como agentes governamentais, turistas nacionais e estrangeiros, entre outros.



Como o(a) leitor(a) desse dossiê verá, há uma diversidade de estratégias acionadas para a construção social do turismo que tornam as análises etnográficas um espaço privilegiado para compreensão desse complexo mosaico que envolve reinvenções de formas simbólicas que são materializadas no momento do encontro entre anfitriões e turistas.

